A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

NUMERO 25 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

# O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.

**A grande revolta e a agitação bolchevista na China** (Reconstituição segundo os relatos dos jornais extrangeiros.)

No bairro operario de Xangai, grevistas e milicias revolucionarias têm, com assalariados dos *trusts* extrangeiros, renhidos tiroteios quasi diarios. Os mortos são ás centenas e os hospitais estão cheios, contando-se entre as victimas numerosos europeus.

Pag. 2
O DOMINGO ilustrado
ANO I — N.º 25
LISBOA 5 DE JULHO DE 1925
PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R.ª D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA — EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. da Rosa, 99

## écos

### D. Sebastião

Um leitor, aproposito da furia sebástica que tem invadido o mercado, pergunta-nos qual a razão dum simbolo porque pouca gente deu e que se ostenta entre as duas portas principais da estação do Rocio: a estátua de D. Sebastião. Nada mais simples: D. Sebastião é o «desejado», e que nunca chega: Tal como os comboios da C. P., depois dos melhoramentos e dos «superavides» do orçamento.

### A «legião» das femeas

Provou-se afinal que as mulheres do «complot» terrivel contra o chefe Xavier, não passaram de inofensivos papillons» que apenas pretendiam, quando muito, vencer a policia barbuda por explosões de amôr.

Volumes suspeitos não se encontraram mais do que os naturais, e armamento domestico não foi sequer visivel. Durante os interrogatorios as negas foram continuas.

### P. R. P., P. R. R., P. R. N., R. O. S. Parta

Antigamente os governos caiam por qualquer coisa. Este agora caiu por uma ninharia, por uns «duodecimos». Agora o mais curioso, quando um governo cai, é analisar os fenomenos que se seguem. Em primeiro lugar, e para tapar as bocas do mundo chama-se o sr. Afonso Costa, que prevenido a tempo está em Paris, não fosse a crise encontra-lo no chalet «Alzira».

Este expediente dura três dias. Já se sabe que o grande pândego diz que não, mas como a resposta leva três dias, é um descanço.

Depois vai-se falar ao Francfort—ao Sr. Genistal Machado que está a almoçar. Este diz que os nacionalistas estão á espera da vez. Por fim, e como quem acha uma solução inesperada faz-se um novo governo democratico. O Sr. Cunha Leal berra no Parlamento, a «Batalha» chama outra vez burro ao presidente do ministerio—e ha dois que ficam sempre bem com todos e nunca perdem o automovel do Estado: o Sr. Domingos Pereira, que é de Braga e o Sr. Antonio Maria da Silva que é «de Olhão»...

### Ao «jornal de Noticias»

Muito agradecemos, ao grande jornal do Porto, as belas palavras com que recebeu os seis mezes de edade de «O Domingo ilustrado». Grande contraste encontramos entre a generosa atitude do popular periodico do norte, e a mesquinha pena de silencio que nos é imposta em certos e ricos jornais de Lisboa para quem a camaradagem é apenas uma palavra que passa pela administração.

### Os funcionarios e a C. G. T.

Lavra em Portugal uma agitação entre o funcionalismo, isso já é do dominio publico.

Pois vem agora a proposito contar que em Paris realisou-se ha pouco um congresso de funcionarios, agitado por um vento de revolucionarismo. Houve até quem preconisasse uma ligação com a C. G. T.

Se o modelo pega...

### HIDROTERAPIA

—Já vejo que gosta da sopa! Quer repetir, não é verdade?
—Pois não! Demais a mais o medico disse para eu beber muita agua quente.

## questão prévia

CAIU o ministerio... Eis uma nova que, á hora em que circular o «Domingo Ilustrado», deve ser já bastante velha. Caiu o ministerio, mais um ministerio... E nem sequer tenho coragem de substituir estas reticencias por um ponto de exclamação, que poderia querer exprimir dôr ou surpreza.

A verdade é que não ha dôr, porque os ministerios caem com a anestesia geral da indiferença publica e rarissimas vezes—felizmente—ao cair fazem, como as creanças, um galo na testa. Surpreza ou admiração, porquê? Se alguem se admira não é de que os ministerios caiam, é de que ainda haja quem caia em ser ministro.

* * *

E é que ha mesmo e sempre ha-de haver, emquanto existirem os sistemas que mais ou menos constitucionalmente regem os povos.

Diogenes, com a sua lanterna, á procura dum homem que fosse um homem, é uma alegoria que não tem cabimento neste caso de constituição dum ministerio. Porque, meus queridos amigos, ha tres coisas para as quais sempre se arranjam homens: para fazer uma empreza teatral, para fundar uma gazeta e para organisar um governo.

E não é, no primeiro caso, a ancia de fazer arte ou negocio que faz brotar os empresarios, mas a irresistivel atracção da mulhersinha de teatro, cuja conquista afaga a vaidade mais longa deste mundo; como, no segundo caso, não é a «mesquinha missão» da imprensa que atrai o capitalista, mas a vaidade de ter ao dispôr um vagão de publicidade, onde seja tratado por «nosso querido amigo» aproposito das suas partidas ou chegadas; como ainda no terceiro caso não é a ocasião de pôr em pratica um plano maduramente estudado que leva o politico a deitar, sofregamente, as mãos á primeira pasta com que lhe acenam, mas o ensejo, que talvez não torne a oferecer-se-lhe, de gosar o prazer de ouvir a creada dizer ás visitas que o «sr. ministro» só recebe aos sabados, das quatro ás seis, no seu gabinete do ministerio.

A vaidade, só a vaidade! A vaidade da creança que, luzindo um sabre e pondo uma barretina, se convence de que é general ou que, fazendo dum velho periodico uma capa de asperges, brinca aos beijos, deante dum trono de Santo Antonio, com toda a convição de que é sagrado e ungido.

E é esta ainda a unica vaidade aceitavel, a que se caracterisa por uma infantilidade manifesta, porque quando se trata duma exteriorisação de falsos meritos, quando arma em taboleta de talentos ou de virtudes, e é detestavel e não se chama vaidade—chama-se-lhe parvoeira.

* * *

A' hora em que gatafunho despreocupadamente esta cronica, ainda o sr. Antonio Maria da Silva anda a dar aquelas voltas a que agora é uso chamar démarches. E' claro que nem por sombra no espirito me perpassa a duvida de que, na velha comparação, a cançada nau do Estado não tenha a sua tripulação completa dentro de poucas horas, constituida por uns tantos velhos e sabidos lôbos de mar e por alguns inexperientes grumetes, que embarcam pela primeira vez.

Não, nem a mim, nem a ninguem estas quedas e estas reconstituições de governos oferecem duvida ou surpreza. Todavia, como ainda não perdi de todo a faculdade de pasmar, permitam-me que eu sinceramente me admire da «souplesse» dos nossos politicos, que conseguem, sendo todos do mesmo partido e subordinados ao mesmo programa, sair dum ministerio radical e entrar num conservador, como quem em sua casa, passa da casa de jantar ao quarto de dormir.

Feliciano Santos

## Má língua

## CONSUMMATUM EST...

(POEMA DE SILVA TAVARES, QUE A POLICIA APPREHENDEU).

*Tenho ouvido fallar pelas esquinas*
*em—Liberdade—em—Solidariedade—,*
*e noutras divindades sybillinas*
*que deviam reger a sociedade...*

*Porisso ingenuamente imaginei*
*que a aprehensão desta obra tão fallada,*
*puxando o rabo ás deusas que citei*
*levantaria as pedras da calçada.*

*(Que, em verdade, nas ruas não ha pedra,*
*pois num anceio augusto e sublimado*
*a Camara só deseja ver se medra*
*um pavimento mais civilizado...)*

*Coitado! Em vão apuro os dois ouvidos*
*para ouvir... um silencio que me espanta.*
*Neste paiz de nervos derretidos*
*já nada ou quasi nada se levanta.*

*Onde estão esses gremios, esses grupos*
*que ás vezes vão comer a um restaurante?*
*Pois não cobrem de vaias e de apupos*
*quem assim rouba o nosso semelhante?*

*Então a Academia já está morta,*
*ou não zéla o prestigio litterario?*
*E a «Liga dos Direitos»?! Só se entorta*
*quando pizam um cállo a um «legionario»?*

*Então quem diz desassombradamente*
*o que pensa, o que quer, o que procura,*
*só merece um sorriso indiferente*
*se o piza aos pés uma cavalgadura?*

*Por mim, cá vae ao canto do jornal*
*a vehemente expressão do meu protesto.*
*Façam outros um gesto natural;*
*olhem que um caso assim, merece «um gesto».*

*Venha um Messias que descalce a bóta,*
*pondo o escriptor brilhante e combativo*
*bem a coberto do primeiro idiota*
*que um bello dia acorde... apprehensivo.*

TAÇO

## comentarios

### Nascimentos... extemporaneos

Uma creança que teve a necessidade de nascer a bordo do barco «Extremadura» da carreira do Barreiro, mereceu do pessoal da Companhia Sul e Sueste tal carinho e amizade, que os bons dos ferro-viarios deliberaram batisar a inocente e tornar o seu destino á conta dos deveres sociaes da Companhia.

Até aqui tudo é motivo para aplausos, foguetes e musica, mas acresce que os «padrinhos», não sabemos porque extraordinaria ideia, lembraram-se de batisar a petiza com o simpatico nome de: Ondina do Sul e Sueste Nascimento! Calculem quando, daqui a anos a menina já mulher, for apresentada a alguem. Que coisa divertida deve ser!

Aplaudimos a ideia do pessoal da Companhia mas por tudo pedimos ás mães em proximo estado de rebentação, que evitem andar de barco onde outro qualquer meio de transporte. Imaginem o que será amanhã um desgraçado chamar-se Electrico da Companhia Carris da Silva Lisboa ou Ernestina Maria da Nova Companhia dos Ascensores Mecanicos...?

### Carteiristas

O antigo passe de imprensa, era usado por toda a gente. Tinha-o um velho taberneiro estabelecido em frente do governo civil e que fornecia aos «reporters» de serviço algumas magras «sandwiches». A titulo de alimentar a Imprensa, ostentava o bom negociante o espectaculoso cartão de livre transito—cartão que aliás não servia rigorosamente para nada.

Creou-se a carteira de jornalista—afim de dotar os que trabalham nos jornais e deles precisam de facto, dalguma coisa que lhes facilitasse a sua dificultosissima missão. Mas, junto aos profissinais da Imprensa que são poucos, ha os profissionais de vaidade que são muitos. E a esses, logo lhes luziu o olho para a ocharia.

Judiciosas foram as palavras do Sr. Jaime Brazil sobre o assumto, e ao lado do Sindicato dos Profissionais de Imprensa estamos, para que dê a quem da Imprensa vive e nela trabalha as regalias que merece—que não á legião de «amadores-literatos» que pululam na letra redonda, e instigaram o celebre decreto «dos carteiristas».

### O Sport de Lisboa

O nosso presado colega o «Sport de Lisboa» comentava no seu ultimo numero a nossa pagina sobre o desafio de foot-ball, que tanto exito obteve. Pena é que o redactor desse eco não tivesse lido a legenda da pagina em questão, pois por ela veria que apenas nos moveu o desejo de protestar contra as tropelias cometidas contra o publico desportivo, que é justamente de quem vive o «Sport de Lisboa».

### INFORMAÇÕES!

—Oh seu refinadissimo bruto, v. não sabe lêr...?
—Se o meu amigo deseja apenas essa informação não ale a pena zangar-se...

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

# Marcelino o maquinista

**Drama de amor e tortura em que a vida dos grilhetas da existencia, passa numa rajada de febre e paixão. Lê-se n'um instante, comove e arrebata.**

O apito da fabrica silvava violento dando sinal que findava a hora do jantar.

A passo lento, n'uma procissão doentia de escravos, os operarios trepavam a rua dos Lusiadas, em Alcantara, molemente, sem ganas de fazer o meio dia da tarde, sob aquele calor sofucante, terrivelmente cruel.

Alguns, os que tinham ido comer á Cosinha Economica ao pé da estação de Alcantara-Terra, abriam n'uma corrida, receiosos de topar a entrada da fabrica já fechada.

N'uma lentidão de movimentos que o calor tornava pezados, foram entrando, dando a chapa com o numero ao apontador, que indagava nomes, na sua obrigação de vêr quem se apresentava.

O Alfredo da maquina de pontear, recolhia mansamente o jornal na algibeira da blusa de ganga e, ageitando o cabelo encaracolado que lhe formava uma especie de canudo lustroso sobre o lado direito da testa, esperou encostado ás grades da escada que conduzia á oficina, que a Mariana passasse. Ela, com gestos canalhas no movimento dos quadris, cabelos em pastinhas sobre a testa, manga arregaçada a mostrar os braços vermelhos, blusa esticada a salientar a tumidez do seio forte, passou e, n'um sorriso malicioso, erguendo dois dedos n'um arremeço afadistado, segredou:

—Toma tento, olha que ele já desconfiou!

O Alfredo franziu os cantos da boca n'um ar de desdem, baixou as palpebras e seguiu-a, escada a baixo, direito á secção dos ponteados.

* * *

Trez horas da tarde. O casarão da oficina estremecia entre o traquinar violento das maquinas. As correias de transmissão correndo em todos sentidos, davam á fabrica um movimento continuo.

Aqui martelava a maquina de cortar «capas», alem as «pregadeiras» faziam estremecer o solo, ao centro os «lustradores», escorrendo tintas, abriam n'um montão de correias, um ruido maior que quasi absorvia todos os outros.

O Marcelino da «geradora» veio, limpando os braços cabeludos, cheios de oleo, a uma mão cheia de desperdicio.

—Ouve lá Mariana! venho aqui só para te dizer que eu não sou parvo, hein!? Se te torno a ver falar com o Alfredo, amachuco-te os ossos!

—Ai! O' Menino, vai lá para a tua vida!—disse ela com ar desdenhoso, metendo uma gaspea na «tintureira».—Se vens para cá atazanar, temol-a travada!

—Não é nada! E' só para te avisar!

—O' filho se julgas que tenho medo... Eu heide falar com quem eu quizer!

—Mariana que eu já não te vejo! Olha que eu desgraço-me por tua causa!...

—Hade-me dar um grande «abalo»! —e voltou-se para o lado dos ponteados, olhando sorrindo o Alfredo, que os espreitava, fingindo ageitar uma forma.

* * *

Marcelino já não era o mesmo. Todos o extranhavam. Sempre metido na casa da maquinha, não dava uma fala e, á hora do jantar, não saía. Comia um pouco de pão, sentado num banco a ver o volante rolando e para ali se ficava até que o sinal o mandava fazer a ligação. Diziam os da fabrica que o Marcelino se finava de ciumes. Tambem a Mariana não tinha sombra de vergonha. Todas as tardes sahia pelo braço do Alfredo, mostrando vaidosa o seu novo homem, n'uma pirraça propositada. E ele, o Alfredo, n'um grande ar de triunfador, não perdia distração do engenheiro para lhe ir dizer larachas, que ela escutava rindo, rindo muito, para que o Marcelino ouvisse bem.

Sem descaro algum, quando o apito da fabrica dava o sinal, iam juntar-se os dois no pateo, lavando as mãos com o mesmo sabão, dizendo graçólas, ela salpicando de borrifos de agua o cabelo d'ele, negro e lustroso, ele, dizendo-lhe segredinhos maliciosos. Depois enquanto ela ageitava a blusa e punha o chaile, ele enfiava rapido o casaco por cima da ganga, e lá iam de braço dado, pela rua fóra, sem disfarce algum, ela mostrando os dentes alvos em gargalhadas nervosas ele, falando em segredo, agarradinho a ela, n'um grande ar de victoria ganha. E muitas vezes, emquanto alguns se ficavam para traz apontando o caso como desvergonha e esperando que o Marcelino saisse, não fosse para ali haver uma desgraçada, ela voltava-se repetidas vezes, como a desafiar, n'um bamboleiro de ombros que pretendia ser uma indiferença. E o Marcelino, cabeça vergada ao pezo d'aquela vergonha, sahia sempre mais tarde, fugindo de os encontrar, para não ter de encarar de frente aquela que tinha feito da sua vida quieta e serena, um turbilão de odio e de ciume, de tristeza e raiva.

*Todas as tardes sahia pelo braço do Alfredo...*

Bem via ele, nos olhos dos companheiros, o dó, o terrivel dó compungente que ás vezes agride mais que uma blasfemea. Bem via em todos a pena, a comiseração por aquela dôr que ele já não podia ocultar e que o levava por noites seguidas das tabernas do bairo, recolhendo a casa manhã feita, sujo e sem um tostão, a clamar injurias contra a Mariana.

* * *

*Não fazes mais pouco de mim! Por alma de minha mãe!*

N'aquela tarde, o Marcelino mal tocou no jantar, mas mandou vir duas garrafas de vinho e emborcou-as d'uma assentada, na ancia de se atordoar.

Quando principiou o quartel da tarde e as maquinas começaram o seu viver ruidoso e violento, o Marcelino, com os olhos a luzir muito, vermelho, afogueado, veio até á secção da tintagem e, inesperadamente, sem mais aquelas, chegou-se á Mariana, e agarrando-a fortemente por um braço gritou-lhe:

—Não fazes mais pouco de mim! Por alma da minha mãe! — e levantando um martelo ia a descarrega-lo violentamente sobre a cabeça da Mariana quando a Elvira lhe deitou a mão gritando:

—Acudam!

Ouve um reboliço. Toda a gente correu a suster o Marcelino que se debatia entre os braços dos companheiros gritando:

—Larguem-me! Essa mulher anda a fazer pouco de mim! E' a minha perdição!

O encarregado apareceu e logo rigidamente, atirando empurrões, estabeleceu o socego.

Cabisbaixo, as pernas a tremer, enxugando as lagrimas grossas á manga da blusa, o Marcelino voltou para a casa da maquina e chorou como um perdido. Comentou-se o caso, a Mariana, lastimava com raiva a sua sorte, o Alfredo prometia satisfações a tirar á sahida e as maquinas voltaram a abalar o edificio com os seus ruidos violentos.

* * *

Pouco faltava para a sahida. Alguns operarios iam á surrelfa entrouxando a farramenta quando um grito formidavel atravessou o ar, depois um estoiro forte produzido pela grande correia de transmissão que tinha rebentado e logo todas as maquinas pararam subitamente.

Sómente na casa da maquina continuava o barulho do volante rodando rodando sempre. Alguns correram para a barraca envidraçada onde o motor trabalhava e então...

Pelo chão e pelas paredes, grandes póças de sangue de mistura com fragmentos de roupa e carne terrivelmente cortada. A correia de transmissão, quebrada e arrastada, espandanava sangue por toda a casa, tingindo os ladrilhos de manchas vermelhas. N'uma decisão louca, o Marcelino tinha metido a cabeça entre os raios do volante que rodava, rodava sempre...

NO PROXIMO NUMERO

**OS GRITOS DA COSTA DO CASTELO**

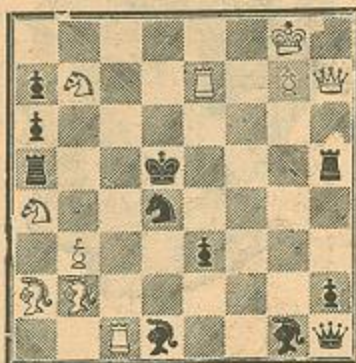
NOVELA DE AVENTURAS

# Xadrês

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

**PROBLEMA N.º 24**

Por G. Heathcote (1.º premio)

Pretas (11)

Brancas (10)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

—

Este problema foi considerado um dos mais belos publicados até 1905.

E' fundado nos temas mais tarde muito em voga. Tem duas auto-obstruções, um mate pregado e cinco intercepções do Cavalo preto que pode saltar para a sua rosacea sem nunca ser tomado. (Rosacea do Cavalo é a figura formada pelas oito casas para onde pode saltar. Os inglezes chamam-lhe wheel, roda).»

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 22

1 T 1 B R  2 B 3 D  3 P mate

Tema do sacrificio ativo da Torre para evitar o empate emquanto as Brancas preparam o mate no seguinte lance:

A chave T 1 B R é unica.

Se as Brancas jogassem a Torre para outra casa, depois da replica das Pretas P 8 T=Bispo o lance B 3 D das Brancas não daria senão o empate. Esta finura escapou a alguns dos nossos solucionistas que imaginaram o Problema demolido.

Temos recebido soluções dos srs. Nunes Cardoso, dr. Damas Mora, dr. Lopes do Rio, Tenente Alves (Tomar), Horacio Saloi (Mafra), Sueiro da Silveira, Marcelino de Barros e Ferreira da Silva.



# CINEMAS

## OS FILMS DA SEMANA

*Esposas levianas.* — Este film, conhecido no mundo cinematografico pelo «Film do milhão de dollars» em virtude da quantia que se dispendeu na sua factura, justifica a fama de que disfruta. As scenas de Monte-Carlo, da tempestade na montanha, do incendio da gazolina, etc. são prodigios de tecnica nunca egualados. O argumento sem ser extraordinario é contudo empolgante. Eric Von Stroheim «o mais antipatico homem do écran» justifica-se como grande actor e grande enscenador. Em sua volta, Miss du Pont, um beleza rara, Maud George, Mãe Busch e outras são, pela beleza e pelo capitoso das toilettes, um grande aliciante para o film. O melhor da semana.

*As aparencias iludem.*—Cinco actos leves e bastante aceitaveis com Keneth Harlau e Marie Prévost.

*Mulheres frivolas.* — Bela super-produção de Rex Ingram com sugestivo argumento, boa fotografia e enscenação. Ramon Navarro, hesitante. Lewis Stone bem'como sempre e Barbara La Marr, confirmando a sua fama de ser a «Wamp» mais excitante e perturbadora do cinema americano. Curiosos efeitos, por vezes notaveis como na scena dos anões.

*Tentação!* — H. Diamant Berger, o enscenador dos «Tres Mosqueteiros» edição franceza, foi dos poucos que não levou o seu tolo chauvinismo, até á hostilidade com os grandes inovadores do cinema francez desde que eles sejam extrangeiros. Contra os russos da «Albatrós» enfileiraram todos os falhados e ao lado d'eles, os artistas como Diamant Beyer, que conseguiu na «tentação» quasi se lhes egualar. Um belo film com a mocidade linda de Pierrette Mad.

*Grito no Deserto.* — Como film de aventuras e de segunda categoria, parece-me um bom film.

P. S.—Esta secção tem produzido celeuma e logo a seguir tentativa de coacção de toda a especie sobre mim e os directores deste jornal. Isto só prova que se dizem aqui verdades amargas. Prosseguiremos sem dar ouvidos a interesses mais ou menos... a descoberto.

ÉCRAN

*Decifrações do numero passado:*

*Charada em verso:* Palmatoada.
*Charadas em frase:* Malvarosa—Saca-rolhas.
*Enigma carteado:* Um terno coração ás damas quadra.

—

### CHARADA EM VERSO

Como já executei—2.
Aquilo que me pedias,
Eu vou ahi, num momento,—2
P'ra te dar muito Bons dias.

RAS*NNO

•

### CHARADAS EM FRASE

Nosso Senhor quando viu seu filho morto ficou triste—2—2.

REI MÓRA

•

O diabo... quem m'o dera toscar, pois não seria elle capaz de me mover o animo—2—1.

REI DO ORCO

•

### INDICAÇÕES UTEIS

*Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redação.*

*— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.*

*— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.*

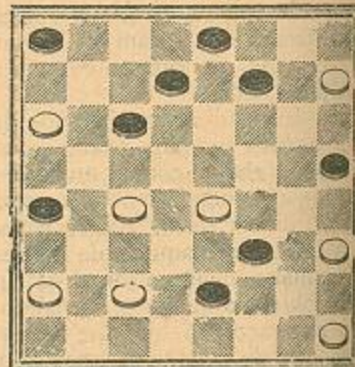
*— E conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.*

# Jogo das Damas

*Solução do problema n.º 23*

| | Brancas | Pretas |
|---|---|---|
| 1 | 14-18 | 4-22 |
| 2 | 10-15 | 22-11-2-9 |
| 3 | 5-14 | 3-17 |
| 4 | 13-22-31 (D) | |
| | Ganha. | |

**PROBLEMA N.º 24**

Pretas 9 p.

Brancas 8 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 22 os srs.: Antonio Neto Junior, José Brandão, J. do Carmo, J. Magno, Leopoldo Sacramento, Um aprendiz (Fa-Mi), Dois aprendizes, e Artur Santos, que nos enviou o problema hoje publicado.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», *secção do Jogo das Damas.* Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.



## Para os nossos pobres

Dos concorrentes da nossa secção de grafologia recebemos mais, para os pobres do *Domingo ilustrado*:

| | |
|---|---|
| De «Incognitus» ...... | 4$00 |
| » C. A. M. .......... | 1$00 |
| » «Modernista» ...... | 4$00 |
| » Pica-Pau» ......... | 4$00 |
| » F. A. S. .......... | 1$00 |
| A transportar | 14$00 |

Em nome dos nossos protegidos, o nosso sincero agradecimento.



Folhetim do «Domingo Ilustrado» N.º 5

CAPITULO III

## NA PROVINCIA

comboio onde parti para a minha primeira excursão á provincia, era daqueles que nunca se sabe quando chegam ao seu destino. O nosso primeiro espectaculo estava marcado em Setubal e, apesar de termos embarcado ás nove da manhã, só lá chegámos á tardinha, porque a maquina do comboio teve tres desmaios, oito sincopes e por quinze vezes não quiz andar alegando uma dor nas rodas dianteiras. Para preencher o tempo, fui, durante a viagem, entabolando relações mais ou menos intimas com o João Lopes que tambem ia na tournée e que depois de meia hora de conversa, me pediu duas coroas emprestadas. Emprestei-lhas mas daí a pouco pediu-me mais tres porque, dizia ele, tinha muito azar em dever só dez tostões a uma pessoa.

Na altura do Pinhal Novo, já eu lhe tinha emprestado quinze mil reis, tudo por causa do azar. Deliberei «atirar-me» ao Joaquim Prata que começou logo a imitar a voz do José Ricardo. Como porém a sua conversação não me agradava porque falava á moda do Porto, decedi-me pelo Henrique Alves que se desculpou logo de ser careca de nascença, e foi já enlaçados pelos sagrados liames do amor, que entramos em Setubal onde fomos hospedar-nos no Hotel Esperança. O dono do hotel dissenos que não era de muito agrado que aceitava gente de teatro porque quando se esqueciam de pagar ficavam sempre a dever, mas olhando as iniciais que o Henrique usava toda em brilhantes e rubis, cedeu-nos um quarto com a condição do Alves pagar adiantado.

Depois de uma noite que foi a madrugada dos meus conhecimentos intimos, fomos os dois para o teatro fazer o ultimo ensaio da peça.

Era ela nem mais nem menos do que a «Inez de Castro» e fazia eu a protagonista. O D. Pedro era o Henrique Alves que por força queria que eu morresse a valer, pois estava habituado a ver tentativas de suicidio em todas as mulhes que o amavam. Neguei-me em absoluto a fazer o papel ao vivo e deliberamos que a morte seria por ferimento grave mas sem consequencias.

A' noite depois de uma scena de ciumes com o Henrique por causa de uma actriz chamada «Banheira» quando entrei no palco toda eu tremia! Era a primeira vez que fazia um papel com aquele volume e além disso, como não havia mais nenhum teatro na terra, se houvesse pateada não se poderia dizer que era outro teatro que mandava patear, costume que se usava em Lisboa para desculpar certas vergonhas.

Mal entrei no palco, o publico, deu um oh! de espanto, tão grande que se me acerta em cheio eu tinha caido desmaiada.

Realmente eu ia muito bem posta.

Levava uma cabeleira loura do Vitor Manuel que era uma lindeza! O Castelo Branco tinhame alugado um fato que quasi já nem era preciso vestir! Estou certa que bastava alguem pol-o á entrada de scena para ele ir sosinho para o palco representar.

No primeiro intervalo fui muito cumprimentada pelo dono de um fabrica de conservas que me disse que eu tinha mais talento na ponta dos sapatos que Sua Estilisadissima Ester Leão. Confesso que não acreditei inteiramente mas pouco faltou. A Josefina Silva pediu-me logo para eu conseguir do dono da fabrica algumas latas de conserva pois tinha um gato que lhe havia dado a Satanela que não comia outra coisa.

No segundo intervalo o Fernando Pereira no dialogo comigo, disse-me que eu a fazer a peça era tal qual ele quando era ourives. Isto lijongeou-me bastante porque o Fernando fôra um grande lavrante.

Entramos no acto da morte e toda eu tremia. Se me salvasse d'aquela morte, a minha vida esteva defenida! Esperava-me a gloria, a fama, uma visita do Macedo Brito para ir falar ao Sr. Galhardo e quem sabe? Talvez um logar na Companhia do Alves da Cunha ou no «Joaquim d'Almeida».

Quando o Pero Coelho puxou da adaga os meus olhos estavam fitos no futuro e tanto, que só quando ele me disse que já ia na trigessima oitava facada e que era um descredito se eu não morresse, é que me decedi a atirar-me para o chão com um «Ah»! lancinante e simulando numa cólica terrivel. Então tomeime de uma vontade enorme de morrer bem e os gestos, as expresões, as atitudes que tomei foram um assombro. Simulei dores reumaticas, faltas de ar, roturas de aneurisma, ataques de bexigas doidas, uma perna partida, lezão cardiaca, uma infecção intestinal, hernias estranguladas, tudo com tanto detalhe, com tanto estudo, que o teatro levantou-se em peso pedindo bis!

Comovida com o entusiasmo da plateia, tornei a simular a morte, introduzindo-lhe varios aspectos novos tais como desastre causado por arma de fogo, atropelamento pelo rapido do Porto, e ancias de vomito negro!

Novamente o Teatro se levantou aplaudindo-me e pedindo novamente bis. Então, puxando por toda a minha energia interpretei a morte por queda brusca de um quarto andar e a manifestação que recebi foi tão grande que o Henrique Alves ficou amuado, porque eu havia agradado mais do que ele.

*(Continua)*

# GRAFOLOGIA

**o caracter revelado pela caligrafia**

## RESPOSTAS A CONSULTAS

JOÃO VELHO. — Desconfiança de tudo e de todos, nascida de desenganos. Ordem moral e material. Sempre que tem um impulso, arrepende-se. Orgulhoso e inteligente, nervoso e exigente. Grande cansaço moral. E' bom mesmo sem querer e... *malgré kout.*

F. A. S.—Ordenado e meticuloso. Pensa muito as coisas antes de as executar. Originalidade de ideias. Leva uma vida monotona e gosta de repizar tudo. Espirito ironico. As duas linhas que mandou e em papel pautado, são insuficientes, no entanto deve tratar-se duma pessoa muito parecida consigo.

JOSELITO.—Ordem. Trato afavel e vontade forte com rajadas de impaciencia. Irrita-se mais do que queria. Amigo do seu amigo mas reservado. Economia e amor pelo estudo.

GAMAZO. — Boa memoria e inteligencia, comunicativo e ordenado mas desiquilibrado nos gastos. Ideias proprias e curiosidade. Nervos mal dominados e sensualidade cerebral.

MAGNUS PICHUS.—E' resignado mas tem aspirações. Timidez e singeleza. Bons sentimentos e amor aos animaes. Amigo de fazer favores mas por vezes agressivo. Inteligencia pouco cultivada. Constancia e economia domestica. Cerimonioso.

UM DOENTE. — Nervos vibrados á menor coisa. Ideias limitadas e bom coração. Um pouco de vaidade e inteligencia mediocre. Gosta de musica. Qual a sua maior aversão? A' gente hipocrita e aos gatos.

PICA-PAU.—Força de vontade, perspicacia, inteligencia, gosto artistico e muita sensualidade. Vigoroso e com ideias proprias. Facilidade de palavra e não volta atraz quando toma uma resolução.

MARCO ANTONIO.—Dignidade, inteligencia, ordem sem exagero, sensual e impulsivo. Boa memoria, otimismo da confiança que em si tem, tenacidade e generosidade.

A MULHER QUE MATOU OLOFERNES. —Creancice. Vaidosa e ambiciosa. Pouca cultura e afeição á dança. Lê muitos romances e é boa amiga. Muitos nervos e gasta mais do que deve.

PIPOCAS.—Leal mas se é preciso fazer mal-faz. Espirito critico, boa memoria, pouca vaidade mas muito orgulhoso. Ideias amplas.

MARIA JOSÉ. — Tem grande semelhança com o caracter descrito acima. Apenas um maior amor á literatura.

MAGRIZELA.—Inteligencia, distinção e orgulho. Ordem e boa administração. Boa memoria mas já foi melhor. Instincto de maternidade.

MARINHEIRO. — Deve ter a ocupação do pseudonimo. Por ser em papel pautado é arriscado dizer alguma coisa. Entretanto deve tratar-se duma pessoa digna e sincera embora um pouco estouvada.

JOÃO PEDRO NARCISO. — Vontade impaciente e inteligencia clara. Nervos fortes e ideias independentes. Impulsivo e valoroso, original no trato mas bondoso. Amor á sciencia e orgulho intimo desmedido.

J. E. V. FERNANDES. — Gostos simples, atividade e resoluções rapidas. Ordem, aceio moral, reserva e fina intuição das coisas.

AUGUSTO CAMPOS (Setubal).—Espirito comercial. Trato afavel e pouca economia. Apaixona-se facilmente. (Um cartão não dá para mais).

GUALTER CARDOSO.—Caracter nervoso e desegual, impulsivo e apaixonado. Tem pouca força de vontade mas supõe que tem muita. Ataques de retraimento e lealdade.

C. M. C. A.—Trato irregular, proprio de um doente. Facil exaltação, generosidade e bom gosto. Egoismo e vaidade intima. Amor á discussão e sentimento de poesia.

BIBITA.—Vontade tenaz e teimosa, habilidade manual, generosidade *muito bem entendida.* Amor á musica e aos versos. Sente vontade de agredir com palavras mas contem-se. Vaidade intima e paixão pela dança.

PACHOCO.—Tem a mania de ser original, mas ha-de passar-lhe com o tempo... Desordem e vivacidade, inteligencia mal aproveitada, amor á discussão, palavra e gestos faceis, valente. Generosidade sem razão e sem ordem. Como não se conhece, não vai gostar destas apreciações...

AMPLIO DE LIMA (?).—Boa administração e fraca vontade. E' muito delicado quando quer mas não halitualmente. Intimamente economico e minucioso. Muito ordenado nos objectos de uso. Sensualmente apaixonavel.

JONES.—Tem a mania de dizer o contrario mas é muito infuenciavel. Inteligencia e preguiça. Apaixona-se facilmente enganando-se a si proprio. Tem vergonha de ser vaidoso e é leal para os amigos.

GEORGETTE RUAS.—Nervos desiguaes e inteligencia pouco cultivada. Amor aos bonecos, simples no teatro e no vestir. Gosta de viver para si, lê muito, é comunicativa, tem fraca memoria e é bôa e dedicada.

JOSÉ CLEMENTE.—Afeição aos negocios, trabalhador e pensa muito antes de dar. Ideias confusas, espera tudo de si e nada dos outros e é sensualmente apaixonado.

XAVIER LEO.—Original, valente, impulsivo, facil palavra, generosidade material, dominador, nervoso sem ordem e orgulho. Não sabe o que quere.

RAINHA.—Habitos de boa vida e vaidade. Faz bem sempre que pode, trato afavel, facil palavra, bom gosto e boa memoria.

AMBROSIA.—Violencia nas paixões, originalidade, bom gosto e inconstancia. Prontas resoluções e amor á estetica e á pintura. Bom ouvido para a musica e sentimento da poesia (em prosa...)

VIOLETA BRANCA.—Distinção e ordem, economia e generosidade. Não é feliz. Complicações espirituaes, violenta intimamente mas domina-se para o não mostrar. Orgulho intimo exagerado.

MARIA ALICE.—Finura e subtileza. Não é inconstante mas exige dos outros o que é incapaz de dar e, como não tem, o seu igosmo impede-a de ser tão bôa como poderia ser. Por *estetica espiritual* não se zanga violentamente, mas retrae-se intimamente. E' algo poeta mas o seu bom senso não a deixa avançar muito. E' delicada e não é hipocrita o que é talvez o seu maior defeito...

D. C. C. M.—Inteligencia nada cultivada e nervos frouxos. Fisicamente fraco. Esquece com frequencia os objectos. Afeição á dança, economia e reserva.

A. FERREIRA.—Falta de inteligencia. Apaixonado romantico. Gosta de frazes alambicadas e é vaidoso.

SOLRAC DINIZ.—Ideias amplas e independentes. Idialismo e prodigalidade. Otimismo. Sensualmente cerebral. Grande imaginação. Moralmente aceiado e habitos trabalhadores.

UM LEITOR. (Portalegre)—Vaidade intima, reserva e lealdade. Gostos simples mas confortaveis, afavel e bondoso. Fala pouco e bem.

EDUARDO MARTINS. — Habilidade manual. Sensualismo. Doensa nervosa. Diplomacia e um pouco religioso. Generosidade bem entendida.

UM QUE GOSTA DE UMA BERTA—Habitos elegantes mas economia pessoal. Ordem e alto conceito de si proprio. Fraca inteligenci, boa saude e forte sensualidade. Boa memoria e bom gosto. Não tem ideias proprias. Nem otimismo nem pessimismo.

GUI.—Originalidade no trato. Vontade influenciavel e apaixonado. Idialismo e repentes bruscos. Inteligencia clara mas preguiçosa. Amor á pintura.

*A DAMA ERRANTE*

**Quer saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhada de um escudo para—*A DAMA ERRANTE*.**

***RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA***

# Palavras crusadas

## O PASSA-TEMPO DA MODA

**Decifrações do n.º 2**

HORIZONTALMENTE

1—sal 2—tampa 3—Liz 4—ui 5—soe 6—aa 7—não 8—Gil 9—podre 10—genio 11—amen 12—lira 13—eia 14—Eça 15—16 ver 17—ba 18—opa 19—mares 20—som 21—rir 22—os 23—mó 24—aro 25—oca 26—rapas 27—ser 28—só 29—rôr 30—aa 31—ler 32—bis 33—Maria 34—fazem 35—arara 36—arame.

VERTICALMENTE

1—Sul 7—nome 8—géle 9—pá 16—vasar 17—borla 19—mór 20—Sás 31—lar 32—bar—33 má 34—fá 37—ai 38—as 39—mós 40—pé 41—ia 52—zaz 43—ladeia 44—cinica 45—orna 46—lira 48—oa 49—amorosa 50—ler 51—namorar 52—epico 53—puxar 54—ara 55—sós 56—pôr 57—hera 58—Niza 59—rir 60—sem 61—aa 52—me.

**Relação Explicativa**

HORIZONTALMENTE

1—vaga, simples 2—o contrario de escrito 3—notas de musica 4—letras de Vico 5—em Aveiro 6—o culto da Beleza 7—no momento em que 8—patrôas 9—palavra feita com as letras de outra 10—menos que duas 11—batraquio 12—movel 13—debruar 14—traiçoeiro 15—figura biblica 16—folga 17—nome de mulher 18—celebre corrente politica (estrangeira) 19—gostar 20—dinheiro antigo (abreviatura) 21—tolo 22—letras de reu 23—conjuncção e artigo 24—fluido 25—habita 26—pedras.

VERTICALMENTE

1—oceano 3—molusco 4—onda 8—mistura 9—12—letras de Crato 17—macío 18—cidade portuguesa 27—a que aqui está 28—instrumento de morte 29—nome de mulher 30—tom 31—nojo 32—fazer a relação 33—personagem romanesco da edade-media 34—patrão de um barco 35—parecença 36—dois artigos 37—letras eguais 38—no Paraíso 39—peixe 30—para arear metais 41—reptil 42—antigo nome de homem 43—naquelas.

# As nossas capas

A nossa primeira capa dedicamo-la aos graves acontecimentos da China, que teem interessado todo o mundo. Trata-se duma reconstituição desenhada sobre fotos publicadas nos jornais francezes e que dá ao publico a impressão da grande tragedia que enluta neste momento o extremo oriente.

A nossa ultima capa é dedicada ao grande acontecimento desportivo da semana, as corridas de cavalos do Campo Grande, os dois medalhões representam, o da esquerda Miehel Le forestier, vencedor do grande premio de Madrid, e Nicolas Mendez, que na fotografia da corrida se vê montando o «Pigeon-shooting. Ambos estes jockeys foram trazidos a Portugal pelo ilustre «sportsman» sr. Conde de Pinhel (Luiz).

**Brevente a**

NOVELA DO DOMINGO

## AS CORRIDAS DE CAVALOS DO CAMPO GRANDE

*Alguns aspectos do elegante fim de «saison» em Lisboa. Uma «toilette» de sensação — Os refrescos ao ar livre — Um par conhecido na alta sociedade.*

## ACTUALIDADES CINEMATOGRAFICAS

*ERIC VON STROHEIW, o genial actor-enscenador que produziu «Esposas Levianas» e que é conhecido na cinematografia como «O homem que dá prazer odiar».*

*JACKIE COOGAN, o actorzinho insuperavel, favorito de todos os publicos na sua creação «Viva El-Rei!», a estreiar em Lisboa, ámanhã, segunda feira.*

## NOS JORNAIS

*ALVARO DE ANDRADE, um dos destacantes elementos do moderno jornalismo português, e cuja competencia e orientação moderna, organisando os serviços redactoriais, impremiu ao «Diario de Lisboa» a inconfundivel feição que tem sido um dos segredos do seu grande exito.*

*ROCHA JUNIOR, o nosso distinctissimo camarada de «O Seculo», um dos jornalistas que mais honram a sua profissão e que acaba de publicar um primoroso livro de impressões de viagem: «Terras da Moirama», que obteve um merecido exito de publico e de critica.*

# Crónica alegre

## UMA CORRIDA EM OSSO

OUVI duas campaínhadas e puz-me a correr, ou antes a deslisar, porque as pernas apenas me serviam para as ter penduradas. Coisa estranha! Era com o tronco que eu andava!

Senti que me puxavam pela orelha esquerda e, compreendendo logo que isso queria dizer que voltasse para o lado canhoto, fiz uma linda curva nesse sentido, e enfiei para outra rua, que por sinal era toda a subir.

Olhei a calçada como quem se despede deste mundo, mas constatando que a minha nova profissão me impunha a sua subida, comecei a rapar com os pés e, com um arranco vigoroso, meti o corpo á tarefa.

O que mais me atarantava era que apesar de eu estar deitado ao comprido, o meu corpo deslisava que parecia untado de manteiga. Além disso, a desfaçatez daquela gente em cima de mim dava-me bastante que pensar embora só tivesse tempo para deslisar para a rua.

Nisto aparece na minha frente uma carroça carregada de carvão. Imediatamente sinto que alguem começa ás calcanhadas á minha cabeça. A carroça não se afasta e as calcanhadas idem.

Sinto que vou bater em cheio na carroça se a maldita não se afastar e, apesar de da minha cabeça sair um barulho que me faz lembrar a carroça do lixo, o choque parece inevitavel porque o carroceiro vae distraído a fumar, e não está para sair da linha que segue.

Alguem que vem em cima de mim, grita:

—É seu homem! Você não ouve?

O carroceiro volta-se lentamente para traz e depois de puxar duas preguiçosas fumaças dum ponto amarelo que lhe vae a luzir debaixo do bigode, responde:

—Que é preciso?!

—Saia da frente!—exclama a pessoa que vai em cima de mim.

—Saia da frente?!—comenta o carroceiro.—Julguei que era saia de baixo! Você não sabe que não pode ir na linha?!

—Ó menino vae juntar cacos de garrafa para fazer pão de ló!

—Ah seu malandro!

E eu sinto que me torcem as orelhas com toda a gana, o que me faz parar quasi bruscamente.

Depois, alguem salta de sobre mim e ouço:

—Salte cá para baixo que lhe quero partir a cara!

—A mim?!

—Salte cá para baixo, já lhe disse!

Um outro empregado com uma mala de couro á tiracolo, vem até mim e arrancando-me o alfinete da gravata, dirige-se ao carroceiro:

—Venha cá que lhe parto a cabeça com a chave das agulhas!

Sinto que tenho gente empoleirada nos tacões das botas, nas abas do casaco e até nas pontas do colarinho.

Como a contenda ameaça não acabar, tomo uma resolução. Levanto-me, vou direito á carroça e, com um sôco ponho-a em cima do passeio.

Em seguida torno-me a deitar, volta tudo para cima de mim, um dos homens ajusta-me o pau nas costas e depois de me terem destorcido as orelhas, continuo a minha carreira, suando por quantos póros ornamentam a pele onde trago os ossos embrulhados.

E' agora uma descida que tenho diante da vista.

A minha gravata que se desatou e vái enrolada á frente dos meus olhos, incomoda-me bastante.

Um dos homens salta ao chão e vem fazer-me o nó da gravata dizendo:

—Assim com o «salva-vidas» levantado, vai melhor!

Novamente me torcem as orelhas e eu começo descendo a calçada com cautela.

De repente alguem me puxa pelos suspensorios, e eu páro. Uma senhora desce dum dos meus braços e logo eu continuo a descensão.

Depois de um penoso trabalho, chego ao Aterro. Então, alguem me desabotôa o colarinho e eu parto como uma flecha, metendo num chinelo a velocidade do rapido de Cascais que ficou para traz com um «entorse» numa das rodas.

Na rapida carreira, vejo de esguelha o edificio da Assistencia, a Rocha de Conde de Obidos até que vou parar junto á C. U. F.

Entro por fim na estação e logo uns homens vestidos de macacos começam a atirar-me baldes de agua e a daremme pancadinhas nas pernas com um martelo. E seguida fazem-me dar umas poucas de voltas e deitam-me areia numa das algibeiras.

Depois um deles vem direito a mim e começa gritando para um oficial que está dentro de uma guarita:

—Para onde vai este carro?

—«Almirante Reis».

O homem começa a andar com os meus olhos á roda e, depois de sete ou oito voltas, sinto que os meus olhos dizem que eu vou para «Almirante Reis».

Meto pela Pampulha. A calçada custa-me mais a engulir do que uma colher de oleo de figado de bacalhau, mas por fim, deitando de vez em quando uma pitada de areia, consigo chegar ao largo da Esperança, sem uma unica esperança de melhor sorte.

Passo ao Conde Barão, São Paulo e entro por fim na rua do Arsenal que me leva tres horas a percorrer porque as carroças parece que estão ali a banhos e não querem deixar o sitio.

Meto á rua da Prata, sempre com rapidas torcidelas de orelhas para que varias pessoas subissem ou descessem, dou a volta á Praça da Figueira e entro na rua da Palma já em plena noite.

Entro no Intendente e, mal tinha deslisado uns escassos vinte metros, tenho a impressão de que me dão um pontapé na barriga ao mesmo tempo que me arrombam os ouvidos com um estrondo formidavel. Ha gritos, gemidos, sinto-me partido nuns poucos de pedaços e, ao mesmo tempo que sinto um predio cair-me sobre um ombro oiço uma voz que me grita:

—O' cavalheiro! Isto aqui não é asilo!

Abro os olhos e—vejo um policia ás palmadas ao meu ombro. Em volta está tudo escuro, pelas estrelas vejo que é noite e que um poste de electricos está tão cosido comigo, que não sei se sou eu que estou encostado a ele se ele que está encostado a mim.

—O que é que você está aqui a fazer?—pergunta o policia.

—Estou á espera dum electrico!—respondo.

—Ha muito tempo?

—Eram duas da tarde quando aqui cheguei!

—Pois fique sabendo que são dez da noite! Vá para casa! Vá dormir para casa!

E eu fui!

Henrique Roldão

### BOA PINGA

—O' tiozinho ainda cá tem aquela pinga do ano passado?
—Xin xenhor!
—Caro! Então só vimos cá comer quando estiver toda vendida!

«A AMADORA DOS FENÓMENOS» contos, por Antonio Ferro, (Porto, 1925).

António Ferro não é só um dos nossos escritores de hoje que maior público teem; é, talvez, aquele que tem um público mais seguro, mais entusiasticamente amoroso. Uma cousa é apreciar um escritor, e outra é esperar com ansiedade a sua nova obra; uma cousa é admirar apenas e outra é ter pressa de novamente admirar, ter saudades de admirar e trazer sempre comnosco essa saudade fiel.

Antonio Ferro é dêsses privilegiados autores que preocupam o público, que se demoram na sua incerta memória, que são esperados com impaciência, que são sempre queridos, sempre recebidos como se recebem aqueles raros amigos que espalham ás mãos cheias o seu claro bom humor, a sua alegria inteligente, o seu espirito saudavel. Abrir as folhas dum novo livro de António Ferro é abrir para sempre as portas da nossa casa a todos os seus livros, é abrir-lhes os braços e sorrir-lhes como se sorri a um prazer certo, é andar com eles debaixo do braço, tê-los sempre ao alcance da mão, longe da estante para onde só entram as visitas de cerimonia . . .

«A Amadora dos Fenómenos» é das obras que melhor retratam o espírito literário do autor da «Arte de Bem Morrer».

E' um livro todo Antonio Ferro, desde o titulo nebuloso ás ultimas paginas, brilhantes e limpidas, que foram arrancadas á sua bela obra de jornalista; desde as «Sombras em relevo»—novela dramática em que a acção, num «crescendo» de interesse, vai sempre correndo mais, sem atropelar detalhes—até ao scepticismo «blagueur» do «Comboio dos maridos» e ao encantador lirismo actualizado do «Romance de Amor.»

Antonio Ferro, que em cada decimetro de prosa levíssima esconde um metro de idéas serias e originais, consegue, nêste livro de contos, condensar, em meia duzia de paginas, algumas emaranhadas intrigas que seria facil desenvolver num cartapacio de duzentas folhas.

Mas tenho que resumir: «A Amadora dos Fenómenos» é um dêstes livros que a gente se arrepende de ler . . . depressa, de não saborear muito vagarosamente, tão devagar que desse tempo a que viesse substitui-lo outro irmão, filho do mesmo pai e seu gémeo em todas as suas dificeis e invulgarissimas qualidades.

Tereza LEITÃO DE BARROS

### SACRIFICIO

—Então Batista! Eu agora bebo os teus restos?
—Fique descançado patrão! Eu bebo a garrafa até ao fim . . .

# Uma festa no Teatro de S. Luiz

### *EM HOMENAGEM A' EQUIPE PORTUGUEZA DE PORTUGAL-ITALIA É LIDA UMA SAUDAÇÃO DE* O DOMINGO ILUSTRADO, *PELO NOTAVEL ACTÔR SAMWEL DINIZ*

Realisou-se no Teatro S. Luis uma festa de homenagem á Equipe que ganhou o Portugal-Italia, e ao seu selecionador Sr. Ribeiro dos Reis. No meio do maior entusiasmo do publico, foi, pela distinta actriz Sr.ª D. Hortense Luz, lida uma saudação em nome de «Os sports» e colocada ao peito de Ribeiro dos Reis uma preciosa medalha de ouro, da iniciativa de «Os sports». Seguidamente o notavel artista e distintissimo «diseur» Sr. Samuel Diniz leu, primorosamente, as palavras que abaixo publicamos e que foram sublinhadas, com apoiados e muitas palmas, pelo publico.

O actor Sr. Mario Santos, leu tambem uma saudação em verso de Artur Inez, nosso distinto camarada de «Os Sports», tendo fechado o espectaculo um eloqüente discurso do senador Sr. José Pontes.

A saudação de «O Domingo ilustrado» ao ilustre clinico e sportsman dr. Augusto da Fonseca, foi a seguinte:

Minhas Senhoras,
Meus Senhores:

Em todos os triuufos existem causas aparentes e causas intimas.

Por detraz de cada heroismo houve sempre, timido e escondido, um impulso anonimo.

«E' facil» e é vulgar consagrar aqueles que se evidenciam

E' mais grato e mais generoso premiar os que se ocultam

Glorifica-se hoje n'esta velha sala de tradições honrosas o esforço juvenil, brilhante e admiravel, de onze rapazesque levaram muito alto o nome do desporto nacional

Glorifica-se e consagra-se com eles o nome de Ribeiro dos Reis que foi «o pai da victoria portugueza»

Em nome d'um grande jornal popular «O Domingo Ilustrado» uma creança no jornalismo «que o sport traz bem creada»—ergo as minhas palavras para saudar o ilustre clinico e sportsman Snr. Doutor Augusto da Fonseca

O seu esforço foi d'aqueles a que ha pouco me referi—oculto, modesto, anonimo quasi mas nem por isso menos fundamental

Nas ultimas horas que precederam essa jornada do Stadium que ficará sempre na historia do nosso «Sport», quando os jogadores desacompanhados do entusiasmo popular, esquecidos dos amigos que os não visitaram nem osforam esperar, se encontravam, se não abatidos pelo menos justamente admirados d'essa indiferença, foi o «medico» que lhes deu o lenitivo moral—Foi «ele» que com palavras de inteligente fé, de sincero entusiasmo, de eloquencia sentida e verdadeira, os soube entusiasmar e comover tanto quanto preciso para a Victoria

O homem que durante dez dias foi o desvelado companheiro de todas as horas que a equipe teve sempre ao pulso foi ainda o homem que fez o moral dos jogadores, esse moral que é a melhor tecnica e que tornou possivel a primeira grande victoria portugueza

Para esse «sportsman», gentleman distintissimo, peço, que não para mim os aplausos de V. Ex.as.

## O NOSSO CONCURSO DE FOOT-BALL

JORGE ?
CHICO ?
PINHO ?
CESAR ?

Recortar e enviar o selo junto.

Damos hoje alguns votantes dos muitos que entraram a favor de Francisco Vieira.

Alfredo Maria
Antonio Nunes
Alice Azevedo
Mario C. Ribeiro
João Tudela
Francisco M. Barbosa
Artur Rivara
Joaquim Almada
Tenente Castelo Lopes
Antonio C. Baltazar
Joaquim Cunha
João Silveira
Mercedes Alves
Carlos Alves
Orlando Luiz Patricio
Ilda dos Santos
Abel Pereira

Qual é o jogador de foot-ball mais correto, cujas atitudes mais assombram pela elegancia, pela linha, pela audacia?

*Eleito:*

*Eleitor:*



## CAMPO PEQUENO

### A despedida do grande cavaleiro Simão Veiga.—Touros pessimos.—A alternativa de Munoz Crespo.—Belo trabalho de Veiga, filho.

cavaleiro Simão Luis da Veiga despediu-se da sua vida profissonal no Domingo passado e fez muito bem. E digo que fez muito bem, porque a sua missão—e tão importante ela foi a dentro da tauromaquia—estava cumprida; não falhando assim á regra que esbelece o largar o toureiro a lide aos 40 anos e o actor, depois de transposto este «cabo».

Desde longos anos que a acção brilhantissima do seu valor, ultrapassando o maximo, quanto em arte e valentia, deu-nos a prova concludente de haver sido Simão da Veiga o mais distinto, mais fino e completo toureiro que até hoje pisou as arenas onde o homem se defronta com rezes bravas. Eximio bandarilheiro, teve Simão da Veiga, na sua risonha mocidade, tardes de verdadeira gloria e com a muleta, ele e Duarte Egas Pinto Coelho, foram os unicos portugueses amadores que substituiam os *espadas* nas saudosas corridas de fidalgos, chegando mesmo Simão da Veiga, nas suas propriedades, a estoquear touros em pontas tambem como o melhor dos melhores matadores de grande cartel.

Eximio equitador, outrosim, para ele o hipismo não tem segredos e no toureio equestre tem dado sempre bastas provas de quanto conhece profundamente todas as regras da arte de Marialva, na qual é um dos principais ornamentos.

Pintor notabilissimo, tem Simão da Veiga apresentado soberbos trabalhos, muito especialmente sobre assuntos tauromaquicos, obtendo da critica, justa e imparcial, as mais elogiosas e acertadas referencias.

O ilustre toureiro que acaba de sair quasi incolume dos combates na arena, pois apenas sofreu duas colhidas de certa importancia, uma na praça de Coruche e outra, a mais grave, no Lavre, (Montemor-o-Novo), deixa em legado á nossa tauromaquia o seu filho, presentemente um dos mais queridos toureiros, tanto na arte de Marialva, em que é prodigioso, como no toureio a pé, que não pode ser mais completo.

A tourada de domingo, organisada com elementos, para os quais os seus promotores não olharam a despezas e que tão avultadas foram, não satisfez no geral, pelo motivo dos touros na quasi totalidade, terem sahido mansos, saltadores e mal intencionados, á excepção do 3.º, farpeado por Simão da Veiga (filho) no qual executou um excelente trabalho que a assistencia aplaudiu com bastante calor.

Simão da Veiga (pai), infeliz nos seus dois pessimos touros, não conseguiu evidenciar-se.

Muñoz Crespo que recebeu a alternativa das mãos de Alfredo dos Santos, cravou alguma ferragem bem marcada, seguida de um bom par muito ovacionado. A sua estreia não deixou más impressões.

Simão (filho), que lidou a pé o 5.º touro, não poude brilhar, devido á pessima qualidade do seu antagonista.

O espada *Facultades* executou um trasteio de capote que provocou fortes aplausos e com as bandarilhas não esteve nas suas tardes muito felizes.

Quasi todos os touros foram pegados de cara e á volta por campinos e forcados amadores, rapazes valentes que não fizeram má figura.

Na brega, salientaram-se Custodio, Agostinho, *Malagueño, Joselito* e José da Costa.

A direcção da lide, a cargo do ex-bandarilheiro Manoel dos Santos, sem protestos, mas desrespeitada por vezes.

ZEPEDRO

### A GRANDE TOURADA DE CARIDADE EM ALGÈS

Promovida por uma grande comissão de senhoras da alta sociedade e do corpo diplomatico realisa-se hoje em Algés uma tourada de beneficencia, cujo producto se destina ás casas de caridade da Freguesia de Bemfica.

Dirige a corrida o sr. Ruy de Andrade, velho e distinto amador tauromaquico, e tourearão a cavalo os ilustres amadores, srs. D. Alexandre de Mascarenhas, D. Vasco Fontalva, D. José de Mascarenhas e Honorato Sepulveda. Alem de D. Carlos de Mascarenhas, D. Pedro Bragança e Alves Ribeiro tourearão a pé os eximios cavaleiros Veigas. Os forcados serão do famoso grupo de Santarem, composto de Antonio Abreu (cabo), Emidio de Aguiar, José Antunes, Joaquim de Aguiar, Marques Alves, Joaquim Abreu, Luiz Novais e Gabriel Ferreira. Os campinos são do antigo e glorioso grupo do Ribatejo.

PROGRAMA DA CORRIDA NOCTURNA

ás 21,45 (9 3/4)

1.º touro para o cavaleiro
2.º » » Concurso de pegas
3.º » » » » »
4.º » » » » »

INTERVALO

5.º touro para o cavaleiro
6.º » » o espada de 12 anos, Antonio Lafarque.

Ferra e tenta de novilhos e garraios.

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

# Cinemas, teatros e circos

UMA NOTICIA SENSACIONAL

## Os Sports A revista de Teatro O Domingo ilustrado

*VÃO FAZER A «FESTA DOS TRES JORNAES*

Realisa-se no fim do corrente mês uma grande festa promovida pelo maior jornal desportivo português, pela unica grande revista de teatro que possuimos, e pelo semanario de maior tiragem e expansão que hoje se publica entre nós.

Desde já prevenimos os nossos leitores que se trata dum espectaculo fóra dos moldes de tudo quanto se tem feito em teatro e no qual entram as maiores notabilidades de «sport» teatro e musica, numa soireé cheia dos mais extraordinarios e imprevistos atrativos e que se realisa no Teatro de S. Luiz, gentilmente cedido pelos seus ilustres empresarios Sr. Dr. Ricardo Jorge e Luiz Galhardo.

Não queremos já hoje quebrar a novidade dando alguns numeros do programa, mas desde já podemos afirmar que o espectaculo de 1 de Agosto de 1925 no Teatro de S. Luiz será alguma coisa de extraordinario. E o publico verá se são exagerados estes prometimentos . . .

## Lucilia Simões

A HOMENAGEM DE HOJE

Na Garrett realisa-se hoje um almoço oferecido por artistas á insigne comediante, estrela de primeira grandeza da arte mundial, Lucilia Simões. E' modesta a homenagem a quem tão alto tem sabido erguer a arte dramatica, mas, emquanto se não faz á genial interprete da «Casa de Boneca» uma condigna homenagem, valha-nos a pacata culinaria da Garrett, a celebrar os seus grandes meritos. «O Domingo ilustrado» associa-se de todo o coração á festa intima de hoje.

## Maria Victoria

A peça de actualidade, tão querida do publico, «Rataplan» com Laura Costa, a encantadora «divette», em multos num eros novos e sempre repetidos.

# O FINAL DE UM TRIUNFO

## A festa de "O Domingo Ilustrado" no Teatro Maria Victoria

*A consagração de Laura Costa, primeiro premio do nosso feliz concurso*

No passado dia 26 realisou-se no Teatro Maria Victoria a entrega do premio ganho pela actriz Laura Costa no nosso concurso de beleza.

No segundo acto da segunda sessão, o actor Carlos Leal fez ao publico a apresentação do nosso querido amigo Henrique Roldão que, na presença de toda a companhia e da homenageada leu o seguinte discurso:

Minhas Senhoras, Meus Senhores:

Isto de ganhar nm concurso de beleza, parece á primeira vista que não adianta um passo na historia da formosura feminina, mas, se cada uma das senhoras prezentes, se lembrar que não foi ela a eleita, terá uma pontinha de inveja que aliaz lhe fica muito mal ao parecer e hade lastimar que as mulheres não tenham nascido eguaes. Se para a fabricação das senhoras se o uzasse o processo das *series*, isto é, se fossem todas feitas á maquina e pelo mesmo modelo, já não haveria nem mais bonitas nem mais feias, e as Senhoras Femininas seriam como os automoveis *Fords:* Todos perfeitamente eguaes e com peças sobrecelentes. Não o quiz assim o inventor do genero humano e por isso, temos que nos curvar á desigualdade estabelecida.

Laura Costa, minhas senhoras e senhores, se é bonita é sobretudo, engraçada. Querendo aparentar grnde alegria, ela que afinal de contas e triste como todas as portuguesas, tem um certo ar de gentileza airosa que a faz mais linda ainda. Pequenina, tão pequenina que se não fosse tão bonita quasi ninguem a podia vêr, seria uma hipotese de mulher se não tivesse aquela graça!

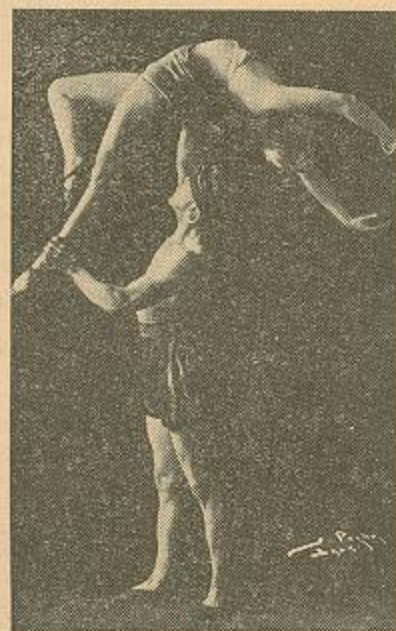
Boneca de mimo, mas que deve ter um genio muito repenicado de bexigas, a sua beleza suave, o seu sorriso doce, o seu todo de creança feita mulher, prende, encanta e francamente, é preciso ter muita mão de rédea, para um homem quando a vê, não tomar a freio nos dentes!

Por estas e por mais razões que V. Ex.as entendam, foi bem ganho por Laura Costa o permio de beleza do *Domingo Ilustrado*. Nisto estamos todos de acordo, e com ha mais assuntos a tratar, encerro o arrazoado que era bom... mas acabou-se...

*No primeiro plano da esquerda para a direita, Maria do Carmo Pereira, Celia Mendes, Luiza Durão, Laura Costa, Maria Brazão e Alda de Souza. No segundo plano: Santos Carvalho, Henrique Roldã, Carlos Leal e Casimiro Rodrigues. (Cliché Ferreira da Cunha).*

O publico que interrompeu o orador com largas gargalhadas, tributou-lhe uma prolongada salva de palmas, sendo o nosso querido colaborador alvo de uma manifestação de apreço e simpatia por parte de todo o pessoal do Teatro que se encontrava no palco. Em seguida os actores Carlos Leal, Alfredo Ruas, Alberto Ghira e Santos Carvalho, recitaram algumas quadras do concurso, sendo em seguida entregue a Laura Costa o nosso premio e uma «corbeille» de flores naturaes.

O publico que enchia o simpatico teatro, levantou-se n'uma grande manifestação de simpatia á gentil actriz, que comovidamente agradeceu tanta prova de carinho.

Em seguida, Laura Costa teve para o nosso semanario e para o nosso director Leitão de Barros e Henrique Roldão, palavras de grande amizade, voltando-se a repetir as manifestações carinhosas do publico que tão de perto acompanhou o nosso concurso. E assim terminou o nosso «certamen» que ficou gravado na vida do teatro portuguez como o mais original e um dos que maior sucesso tem alcançado.

*GYNETT ET ADELPHY*

*Os extraordinarios bailarinos que estão alcançando um grande exito no Eden Teatro*

**S. Carlos** — Fechado temporariamente.

**S. Luiz** — Grandes espectaculos de comedia por sessões, com Gil Ferreira.

**Salão Foz** — As maiores atrações de Music-Hall.

**Avenida** — «Apaixonada» de Porto-Riche, com Ester e Clemente.

**Politeama** — Brevemente o Leão da Estrela da Parceria, com Chaby.

**Eden** — Admiravel espectaculo. A grande revista de André Brun. «A cidade onde a gente se aborrece,»

**Nacional** — Grande companhia, «Tio de Minh'alma» com José Ricardo e Ilda Stichini.

**Apolo** — «A Severa» de Julio Dantas com Emilia Fernandes.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

# O Revolucionario do Avenida-Palace

**Sensacional pagina verdadeira onde passa a figura do revolucionario Armando de Azevedo, numa aventura passada no Avenida-Palace, com a grande bailarina Lopukowa, durante a Revolução de 5 de Dezembro de 1917.**

*O «Domingo Ilustrado» é um grande semanario popular, e como tal, não tem politica, na acepção de defeza de partidos ou de facções. Regista o que lhe parece pitoresco da vida do pôvo, focando tudo o que haja de interessante, de inédito, de curioso — onde quer que esteja esse interesse, essa curiosidade ou esse ineditismo. Armando de Azevedo é, em Lisboa, uma figura conhecida do povo. Tanto basta para que a registemos e arquivemos nas paginas do «Domingo» que ficarão assim como uma historia popular e pitoresca do Portugal dos nossos dias.*

NUNCA viram Lisboa em plena revolução? Eu digo Lisboa na rua, Lisboa louca, entregue a si mesma, sujeita a todos os crimes e a todos os heroismos, essa Lisboa tragica que não dormiu, e que ao alvorecer sanguineo da manhã, espreita, com olheiras, de dentro das janelas, vendo passar os grupos de civis armados e os marinheiros ebrios e suados, sob a peso das cartucheiras e do armamento. Para ti, leitor socegado da provincia, escrevo hoje; para ti que, entre os frescos vergeis da quinta, lês na quietação imensa do campo, os jornais que te falam de balburdia, e para quem uma revolução é apenas uma parangona de imprensa e uma falta de correio, para ti vae esta pagina que ha de levar-te um sabôr pitoresco.

Para os daqui — meu Deus! — é ela tão familiar, que lhes ha-de parecer talvez, apenas, que relêm algumas paginas conhecidas...

* * *

Meio dia. Sol a pino sobre a Avenida deserta. Um glorioso dia de inverno — 4 de Dezembro de 1917. As arvores, nuas e secas, são duas grandes manchas doiradas a todo o longo comprimento, da Rotunda aos Restauradores. Nem vivalma.

Da Praça da Alegria saem os carros dos bombeiros, tragicos e velozes, riscando o ar com o som estridente das cornetas. Foi uma granada a S. José. Atravessam como uma seta para a rua das Pretas, e a Avenida volta ao silencio horrivel. Um cão vadio, deambula, nervoso. Mais abaixo, na Anunciada, um cavalo morto, da Guarda, é um borrão pardo no asfalto do passeio.

Sôbre os esqueletos das arvores, o sol mais brilhante e mais tranquilo, põe scintilações de apoteose, e os dois renques de casas mortas, fechadas por dentro como jazigos, teem, com o obelisco ao fundo, o formidavel ar duma necrópole de magia, que por momentos fôsse tocada da paralisia absoluta.

Agora o tiroteio é mais forte para as bandas do Rato. Por toda a encosta de S. Pedro d'Alcantara, entre as casas, um ténue fio de fumo acusa o combate. Então, as granadas, das baterias da Rotunda, vomitam sobre a cidade, em todas as direcções, a metralha terrivel. Estalam ao fundo do Rocio com a vibração do ar, as montras das lojas. No hotel de Inglaterra, no Avenida Palace, onde os creados palidos sob o tiroteio, arvoraram de madrugada os pavilhões estrangeiros, o pânico é enorme.

* * *

Algumas familias de americanos milionarios refugiaram-se no tunel da estação do Rocio, e ofereceram cem contos por um comboio que de Santa Apolonia os levasse para o Sul. Na sobre-loja do Avenida-Palace, as balas entram ás dezenas, e as descargas das vedetas revolucionarias cravam de ferro as janelas da sala de jantar.

A grande companhia de bailados russos do barão Sergio Diaglieff que se estreára com enorme exito no Coliseu, refugiou-se no Palace. Como um bando de assustadas pombas brancas, as bailarinas russas, vieram acolher-se á sombra amiga da bandeira francesa. E o coronel Birsch, ministro da America, que dava ordens no hotel e era, ao que se dizia, favoravel ao movimento de Sidonio, entre licores caros, tranquilisava-as. Tinham arrastado os «maples» do salão para os corredores interiores, e algumas mulheres fatigadas, estiraçavam-se pelas alcatifas sumptuosas do hotel. Todos os hospedes, na confraternisação inevitavel do perigo, andavam juntos, em bandos, como num grande transatlantico durante a tempestade...

Meia hora antes, Armando de Azevedo e uma meia duzia decidida faz o «raid» da Baixa. Leva uma missão delicada e perigosa.

O Avenida-Palace é um baluarte revolucionario, dis-se. E' preciso calar um telefone que dali informa erradamente as legações estrangeiras. E no pateo aristocratico do grande hotel cosmopolita, emquanto o inferno devora a cidade de metralha, pára ofegante um Hudson negro, requisitado pelo Governo Civil. E' um punhado de homens, hirsutos, suados, feridos, cintorões e armas brilhantes, que se apeia num roldão. O «chasseur» do hotel balbucia uma desculpa em francez. Ninguem lhe responde sequer.

Os homens entram. Armando de Azevedo diz-lhes que esperem, que vão a outros pontos; ele resolverá ali sosinho a situação dificil. Uma corrida sobre a escadaria e está, num pulo, no «fumoir» elegante do primeiro ardar...

Na semi-obscuridade, tombada como ave ferida sobre uma almofada de veludo, a bailarina Lopukowa repousa. Os seus imensos olhos verdes fixam esse vulto alucinado que entra a porta, arma ao ombro, pistolas a tiracolo, coberto de poeira, os aneis do cabelo sobre a testa bela...

E ergue-se, a gloriosa russa, sobre o divan...

Ha apresentações de etiqueta, como num baile.

Birsch está singularmente amavel.

—Monsieur d'Azevedo, un des chefs revolucionaires...

—Madame Lopukowa... O revolucionario, e a bailarina fixam o olhar, longemente... A russa quer conhecer os detalhes da revolução, e Armando de Azevedo, Birseh e alguns artistas fazem roda...

* * *

A penumbra da tarde, rapida, envolve a sala, onde o denso fumo de cigarros de opio cobre o ar. Lopukowa e Armando, distantes da revolução, conversaram já na intimidade dum «cochim».

—Le soir, J'ai peur... restez-vous ici...

E de facto, uma missão mais delicada do que ele proprio poderia esperar, fez nessa noite permanecer no salão do Avenida Palace junto da formosa estrela dos bailados russos, o revolucionario português Armando de Azevedo ... E' que, radical ou conservador, bolchevista ou catolico, ao pé de Lopukowa, podem convencer-se que um rapaz de vinte cinco anos, sendo português, perde completamente as suas convicções politicas...

Esse «flirt» de Armando de Azevedo e de Lopukowa que o meio de artistas de Lisboa conheceu, durou aqui umas horas. Ganha a revolução sidonista, o revolucionario exilou-se para Espanha e a bailarina seguiu mundo, deixando pelas capitais da Europa rastros da sua graça e da sua luz. Mas Lopukowa guardara, do fugitivo encontro, a perturbante recordação dos grandes momentos. E ela, que chorára no palco de S. Carlos, ao saber da fuga do seu hospede do Palace, escreveu para Espanha.

Ao passar a companhia por Madrid, preso no «Carcel Modelo» com Trostky, Armando de Azevedo, como agitador, á ordem do governo português, Lopukova procurou por todos os meios vê-lo e falar-lhe. A funda recordação de Lisboa perseguia-a. Moveram-se altos empenhos para falar ao «indesejavel». Um automovel, varias manhãs, correu infructiferamente ao grande pateo das cadeias de Madrid, que ocultava nas suas celas fechadas num grande sonho de amor...

. . . . . . . . . . . . . . .

E, ao partir de Madrid o bando das assustadas pombas brancas dos bailes russos, e com elas a desolada Lopukowa, alguem entregou para o preso português, um ramo de rosas de Espanha e uma Biblia russa com fechos de oiro...

Assim se despediu Saskia Lopukowa do seu unico amôr português...

# PUBLICIDADE

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUESES

# O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA

## Corridas de cavalos em Lisboa

Promovidas pelo Jockey Club de Portugal realisam-se hoje as segundas corridas de cavalos no novo e magnifico hipodromo do Campo Grande. O sr. Conde de Pinhel, grande entusiasta do famoso *sport*, num rasgo digno de todo elogio, mandou vir jockeys de Inglaterra para correrem na nossa pista, e cujos retratos damos nesta pagina com um aspecto da ultima corrida.

(*Cliches* Raul Reis e Ribeiro da Cunha)